

: PRÁTICAS

A casa da árvore ou uma noite mágica

com Margarida Botelho

Elvira Cristina Silva



Quando cheguei à hora combinada à Biblioteca de Algés, a Margarida Botelho lá estava, transportando todo o seu atelier ambulante com que ia apresentar a história.

Não é uma história qualquer... É uma história que ela própria inventou e, embora a tenha registado em livro, ele é apenas o ponto de partida para esta aventura que a autora recria com uma parafernália de objectos e sensações, e que proporcionou às crianças e adultos que passaram a noite na biblioteca, um momento diferente, único e inesquecível.

Primeiro é necessário a ginástica para se entrar na história, porque é difícil entrar dentro de um livro, mas não é impossível fazer-se parte da história e quem já teve a possibilidade de viver esta experiência sabe bem que é assim. Para fazer parte integrante da história é preciso vivenciá-la com todos os senti-

dos e para isso é preciso ginastificar o corpo, utilizando os sentidos, para a magia começar. Primeiro, com as mãos para mexerem na história, porque há histórias limpinhas, aos caracóis, rugosas, macias... Depois os olhos bem atentos para não deixar escapar nenhum pormenor, o paladar para se saborear um livro, porque há histórias doces como chocolate e outras salgadas, umas picantes que picam na língua, outras ácidas, que fazem a pele enrugar. Depois a audição, pois é preciso preparar os ouvidos para a história que se aproxima. Finalmente, o olfacto para se respirar bem o ambiente que antecede a noite mágica que está preste a viver-se...

Uma história começa pelo princípio... o início da vida. Também esta história começa com uma barriga, a barriga da história de onde dois irmãos gémeos nascem, o Gabriel que gosta

de voar e o Miguel que tinha medo de subir às árvores. E a irmã mais velha, a Isabel, que pensou num plano para a casa da árvore...

A história é vivida com todos os sentidos, com personagens que saem do livro e entram num teatro de marionetas, com o cenário de uma árvore, acompanhados pela música que nos enche a alma e que transborda de imaginação, a alegria das ideias e da concretização do pôr as mãos à obra, tal como a construção da casa da árvore, construída na árvore certa da floresta, com cordas e troncos, que por sua vez se transformam e ganham vida num outro personagem qualquer. Momentos onde todos participamos, fazendo parte integrante da história. Onde vivemos sensações... estranhas, como o medo... E fazemos uma festa com bolo... o bolo de chocolate *mnham, mnham* que se desfaz na boca e não engorda...



Esta iniciativa, realizada na biblioteca, com o mote “letras de pijama” proporciona uma noite diferente, num ambiente caseiro onde a biblioteca se torna em quarto e cama ou vice-versa e se entra no mundo da magia corpo adentro...

Pela manhã, as crianças acordaram muito mais cedo que os pais (claro!). Tornaram-se assim os despertadores matinais e ainda sem se levantarem recorreram aos livros junto às suas camas e desfolharam-nos ainda dentro do saco-cama. Depois o espanto de encontrarem ainda a Margarida e todo o cenário da noite anterior aumentou o contentamento. As crianças, livremente, recriaram a história tendo como é óbvio alguma relutância em voltarem para casa nessa manhã, querendo fazer da sua casa a biblioteca ou que esta se estendesse para casa. Para todos foi uma experiência única, como refere a Margarida,

uma experiência nova, num formato intimista, inesperado, afectuoso, confortável e caseiro.

A Margarida Botelho é uma rapariga engraçada que acredita ainda, felizmente (como eu), que a expressão e a criatividade andam de mãos dadas, fazendo transbordar a alma cheia de alegria em pequenos momentos cheios de significado e ternura. Embora com formação inicial em arquitectura, a Margarida evidencia nas palavras e nas acções, que desde os seus tempos do jardim-de-infância que tanto a influenciaram, que gosta das tintas, lápis de cor e folhas brancas que utiliza para desenhar as personagens das histórias que inventa.

Só me resta agradecer a possibilidade de voltar a ser criança e de entrar no mundo das histórias que ela cria e recria cada vez que as apresenta. Quando me cruzei pela primeira



vez com a Margarida fez-se um “clic” de que havia já momentos cúmplices deste olhar pela magia das histórias e da viagem muito especial onde alcançamos a infância permanentemente. Quando sentimos os sons e os cheiros repletos de cor... Acreditem, vale a pena a experiência. É possível apresentar nas nossas práticas pedagógicas aventuras como estas, basta pôr mãos à obra!

E vitória, vitória... desengajem-se... quem pensa que acabou a história... pelo contrário, ela está a começar!!!

